

# Estado Islâmico: Restauração do califado e instabilidade no Oriente médio

## Islamic State: Restoration of the Caliphate and instability in the Middle East

André Figueiredo Nunes<sup>1</sup>

### Resumo

O Estado Islâmico é um grupo fundamentalista que representa uma ameaça a nível global. O objetivo deste artigo é analisar, a partir do que tem sido publicado na mídia nacional e internacional, como a insurgência iraquiana e a guerra civil síria contribuíram como o desenvolvimento do grupo, as ameaças que ele representa, como ganhou a atual projeção inter-nacional e como o Brasil se posiciona em relação a ele. Este trabalho foi apresentado no I Encontro Brasileiro de Estudos Estratégicos e Relações Internacionais na Universidade Federal Fluminense (UFF), ocorrido entre 24 e 27 de novembro de 2014, no grupo de trabalhos sobre Segurança Internacional.

**Palavras-Chave:** Estado Islâmico - Iraque - Síria

### Abstract

The Islamic State is a fundamentalist group that represents a global threat. The objective of this paper is to analyze, from what has been published in national and international media, the origins of the group, the threats it represents, as it gained the current international

---

1 Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História Comparada (PP-GHC) - Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - Pesquisador de geopolítica do Laboratório de Simulações e Cenários (LSC) andrenunes03@hotmail.com

projection, and how Brazil treats it. This work was presented at the ‘I Encontro Brasileiro de Estudos Estratégicos e Relações Internacionais na Universidade Federal Fluminense (UFF)’ occurred between 24 and 27 November 2014 in the group of presentations about International Security.

**Keywords:** Islamic State - Iraq – Syria

## A crise no Iraque e na Síria e o desenvolvimento do Estado Islâmico

O Estado Islâmico (EI) é um grupo sunita salafista<sup>2</sup> que pratica o *jihad* com o interesse de reestabelecer um califado no Oriente Médio. Por *jihad* pode-se entender como a luta em defesa da fé muçulmana podendo ser de natureza espiritual ou militar.

“Combatei aqueles que não crêem em Deus e no Dia do Juízo Final, nem abstêm do que Deus e Seu Mensageiro proibiram, e nem professam a verdadeira religião daqueles que receberam o Livro, até que, submissos, paguem o Jizya.”

Há indícios que este seja um texto chave que confirma que a guerra legal é uma obrigação para toda a comunidade muçulmana e que só deveria ser cessada quando os não crentes pagassem um imposto (*Jizya*) aceitando a dominação do islã<sup>3</sup>. O conceito de *jihad* ganhou contornos extremistas nos ensinamentos de pensadores radicais como Hassan al-Banna e Sayyid Qutb onde passou a ser a guerra que o muçulmano verdadeiro tem obrigação de travar para reconverter o mundo muçulmano ao islã puro, mesmo que para isso tenha que pagar com a própria vida.

---

2 Ideologia disseminada entre o final do século XIX e início do século XX, no momento em que se desenvolviam novos tipos de contatos políticos e comerciais com uma Europa em plena evolução industrial e que tinha por objetivo fazer o Islã retornar a sua forma original. De modo geral o movimento não tinha pretensão de reformar o Islã, mas sim de purificá-lo a fim de retomar a tradição do período do profeta Maomé sob uma perspectiva fundamentalista religiosa para se defender das influências consideradas nocivas à tradição muçulmana que o ocidente exercia sobre a região do Oriente Médio. (SOURDEL, Janine; SOURDEL, Dominique. Dictionnaire historique de l'islam, p. 704-707)

3 SOURDEL, Janine; SOURDEL, Dominique. Dictionnaire historique de l'islam, p. 436,437.

O EI representa uma ameaça viva e presente no Oriente Médio tanto para os países da região – principalmente Iraque e a Síria, cujas fronteiras praticamente foram apagadas – quanto para aqueles de fora que lá possuem interesses políticos e econômicos. Diferentemente de outros grupos radicais islâmicos que agem por meio de redes de células, o EI busca espaço e posição, isto é, soberania territorial a fim de obter liberdade de movimento e facilitar sua coe-são interna. Desde o final de 2013 o grupo tem ganhado destaque no noticiário internacional pela brutalidade com que conduz suas ações. Decapitações, amputação de membros, incinera-ções, apedrejamentos e crucificação são algumas das atrocidades cometidas pelos radicais islâmicos.

O desenvolvimento do EI está diretamente ligado à Guerra Civil Síria iniciada em março de 2011 e à retirada das forças internacionais de ocupação do Iraque em dezembro do mesmo ano. Com o egresso das tropas da coalizão internacional liderada pelos Estados Unidos da América no Iraque, a escalada de violência ganhou contornos extremos no país. Desde então tem havido um aumento significativo de conflitos entre os insurgentes (maioria de ori-gem sunita) e o governo central, somado à violência sectária entre os diversos segmentos religiosos, principalmente entre sunitas e xiitas.

No entanto, supõe-se que a saída das forças de ocupação do Iraque não tenha sido o estopim da atual crise que o país enfrenta, mas sim que a invasão norte-americana em 2003 com o subterfúgio de encontrar e destruir armas de destruição em massa, as quais nunca foram encontradas, e a conseqüente deposição e enforcamento de Saddam Hussein estejam entre as principais causas que contribuíram com a desordem do país.

Quando Saddam Hussein foi derrubado, o país deparou-se com um vácuo de poder que permitiu que o desenvolvimento da intransigência étnico-religiosa evoluísse e levasse o Estado iraquiano à beira do colapso. Sob o regime de Saddam e do partido Baath, o Iraque era um país de maioria xiita sob o controle dos sunitas baathistas, onde através de um regime despótico de cerca de vinte e quatro anos, ocorreram casos de perseguição e de massacres, como o da população curda em

1988. Ainda assim havia o reconhecimento da existência de ordem no Estado iraquiano, mesmo que opressiva por parte do governo.

Atualmente (março de 2015), o Iraque encontra-se praticamente dividido em dois. De um lado o norte encontra-se sob o controle dos fundamentalistas do EI e das milícias curdas, que, armadas principalmente pelos Estados Unidos da América, buscam resistir aos avanços dos extremistas. Do outro, nas demais regiões do país, as forças iraquianas regulares e as milícias xiitas, com suporte iraniano, mesmo que não oficialmente confirmado, têm combatido o avanço do EI.<sup>4</sup>

A Síria, por sua vez, é um país de maioria sunita controlado por alauitas (segmento re-ligioso muçulmano dissidente do xiismo, cuja doutrina básica parte da deificação do quarto califa Ali ibn Abî Talib) da família Assad, cujo presidente atual é o general Bashar al-Assad. O regime sírio não permite a islamização das relações políticas nacionais.

Em 2011, manifestações pacíficas influenciadas pelos movimentos da então denominada Primavera Árabe deram início a um conflito civil sangrento que tem se estendido por quase quatro anos na Síria. De acordo com o *The Syrian Observatory for Human Rights* Até 5 de fevereiro de 2015 o número de mortos chegou a 210.060 pessoas e cerca de 2 milhões de feridos<sup>5</sup> de uma população de 17.951,639<sup>6</sup> pessoas. Além disso, A Agência da Organização das Nações Unidas (ACNUR) registrou 3,750,378 refugiados em 8 de março de 2015 que tem se dirigido principalmente para a Turquia e para

---

4 Disponível em: [http://www.nytimes.com/2015/03/06/world/middleeast/iran-gains-influence-in-iraq-as-shiite-forces-fight-isis.html?\\_r=0](http://www.nytimes.com/2015/03/06/world/middleeast/iran-gains-influence-in-iraq-as-shiite-forces-fight-isis.html?_r=0) Acessado no dia 6 de março de 2015.

5 Disponível em: <http://syriahr.com/en/2015/02/about-2-millions-killed-and-wounded-in-47-months-and-it-is-still-not-enough/> Acessado no dia 6 de março de 2015.

6 The World Factbook – CIA. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/sy.html> Acessado no dia 6 de janeiro de 2015.

o Líbano.<sup>7</sup>

A Guerra Civil Síria envolve as forças armadas sírias e quatro grupos insurgentes, como o Exército de Libertação da Síria, formado majoritariamente por desertores sunitas das forças regulares do país; a *Jabhat al-Nusra*, ligada à al-Qaeda; o Conselho Nacional Sírio, que defende a ocidentalização nacional do país; e o EI.

Em 1999, o embrião do EI foi criado pelo insurgente jordaniano Abu Musali al-Zarqawi, que chegou inclusive a lutar no Afeganistão no fim da invasão soviética, em 1989. Sob a nomenclatura *Jamiat al-Tawhid W'al Jihad* (JTJ) - Partido do Monoteísmo e do Jihad – o recém-criado grupo fundamentalista islâmico pretendia derrubar a monarquia da Jordânia do rei Abdulla II Bin al-Hussein, que assumira o reinado após o falecimento de seu pai Hussein Ibn Talal em fevereiro do mesmo ano, por considera-la contrária às tendências do Islã por ter uma administração secular não baseada nas leis da *Sharia*.<sup>8</sup> Um dos principais ataques de-sempenhados por esse grupo na Jordânia foi o assassinato do diplomata norte-americano Lawrence Foley em outubro de 2002.

No ano 2000 Osama Bin Laden ofereceu a Zarqawi a possibilidade de integrar o JTJ à al-Qaeda, mas o jordaniano inicialmente declinou por possuir uma visão diferente da estratégia global do Jihad. Enquanto Bin Laden tinha como objetivo principal derrotar os Estados Unidos para em seguida destruir Israel e os governos seculares do Oriente Médio e então es-tabelecer um califado na região, Zarqawi pretendia criar um Estado islâmico sunita no coração da região do Levante<sup>9</sup>; declarar

---

7 The UN Refugee Agency. Disponível em <http://data.unhcr.org/syrianrefugees/regional.php> Acessado no dia 8 de março de 2015.

8 Designação do direito islâmico como sistema jurídico abrangente, formulado principalmente com base no alcorão e na suna, que são os registros dos hábitos e práticas religiosas do profeta Maomé (hadith) recolhidos por sua família e companheiros.

9 Tradicional nome que se refere a uma região que se estende do sul da Turquia até o Egito no Mediterrâneo oriental, onde atualmente estão localizados os Estados de Israel, Líbano e Síria

um califado; e convidar jihadistas de todo o mundo para se unir aos muçulmanos e guerrear contra os apóstatas e os falsos religiosos. Mas apesar do declínio inicial o JIJ uniu-se formalmente à al-Qaeda no final de 2004, quando em outubro Zarqawi emitiu uma declaração prometendo lealdade a al-Qaeda e seu comandante.<sup>10</sup>

A manifestação de Zarqawi de aproximação ao grupo de Bin Laden confirmou o que o Departamento de Estado Americano já pressupunha oito meses antes, quando interceptou uma carta enviada pelo mesmo a Osama, onde deixava clara a intenção de um relacionamento mais próximo entre os dois grupos. Nesse período, o JIJ já havia ultrapassado a fronteira da Jordânia e atuava também no Iraque. Na carta fica claro que o comandante do grupo jordaniano pretendia derrubar o governo interino iraquiano estabelecido após a intervenção americana em 2003; arrastar a população xiita para uma guerra e destruí-los; eliminar os curdos e implantar um Estado islâmico para forçar a retirada americana do Iraque. Da união entre a JIJ e a al-Qaeda criou-se o *Tanzim Qaidat al-Jihad fi Bilad al-Rafidayn* (TQJBR), ou seja, a al-Qaeda no Iraque. No entanto, a ligação entre os dois grupos não alterou a visão jihadista de Zarqawi que continua atualmente norteando as ações do EI.

Em junho de 2006 Zarqawi foi morto num bombardeio aéreo norte-americano próximo à cidade de Baqubah ao norte de Bagdá. Nesse período houve uma redução dos conflitos no país e, sobretudo, o enfraquecimento do TQJBR. Nesse ínterim o egípcio Abu Ayub al-Masri, sucessor de Zarqawi, criou o Dawlat al-Iraq al-Islamiyya – o Estado Islâmico do Iraque – como um dos braços de ação do TQJBR. Em maio de 2010 o iraquiano Abu Bakr al-Baghdadi assumiu o comando do Estado Islâmico do Iraque e desempenhou papel de destaque na incorporação de rebeldes sírios da milícia síria *Jabhat al-Nusra*, passando a estender às ações do grupo à Síria e fundou Estado Islâmico

---

10 The Jamestown Foundation: Zarqawi's pledge of allegiance to al-Qaeda. Disponível em: [http://www.jamestown.org/single/?tx\\_ttnews%5Btt\\_news%5D=27305#.VG\\_qT\\_IdUnV](http://www.jamestown.org/single/?tx_ttnews%5Btt_news%5D=27305#.VG_qT_IdUnV) Acessado em 19 de novembro de 2014.

do Iraque e da Síria, também conhecido como ISIS (Islamic State of Iraq and Syria) ou ISIL (Islamic State of Iraq and the Levant).

Apesar da incorporação de militantes do Jabhat al-Nusra, a milícia síria não foi dissolvida completamente. Nesse contexto, Ayman al-Zawahiri – substituiu de Osama Bin Laden na liderança da al-Qaeda – exigiu que o ISIS não se envolvesse nas atividades do grupo sírio, mas Baghdadi recusou a advertência e em fevereiro de 2014 a al-Qaeda rompeu os laços que mantinha com o grupo fundado por Zarqawi há cerca de dez anos.

## O califado

Em junho de 2014, o ISIS anunciou a criação de um novo califado, Baghdadi autopromoveu-se califa e alterou o nome do grupo para Estado Islâmico. Um califado é um Estado islâmico governado por um califa sob as leis da Sharia. O califa - *khalifa* – abreviação de *khalifa rasûl Allâh*, que significa o sucessor do enviado de Deus, ou seja, do profeta Maomé. O califa como continuador da obra de Maomé tem a missão de manter unida a Ummah - comunidade muçulmana – além de desempenhar liderança religiosa e proteger os membros da comunidade. No entanto, a nomeação de um califa sempre foi alvo de discordância entre os muçulmanos e desde a morte de Maomé foi o fator que proporcionou a divisão da comunidade muçulmana entre sunitas e xiitas.

Maomé enquanto esteve vivo acumulou diversas funções em sua pessoa. Era ao mesmo tempo o líder que mantinha a união da comunidade; chefe militar; e guia espiritual da sociedade. Quando ele faleceu, no ano 632, não havia deixado nenhum herdeiro do sexo masculino e não havia designado nenhum substituto para assumir sua função. Desta forma, após sua morte colocou-se a questão se seu sucessor deveria ser do sangue do profeta ou um de seus discípulos mais próximos. Dentre os homens de seu círculo mais próximo saíram os quatro primeiros califas, conhecidos como “os bem-guiados”. O primeiro foi Abu Bakr (632-634), o primeiro convertido ao islã fora do círculo familiar do profeta e que consolidou a conquista da península árabe;

seguido por outros dois companheiros de Maomé em vida: Umar ibn al-Khattab (634-644) e Uthman ibn Affan (644-656), que dominaram vastas áreas como o Egito, Síria, Palestina, Jordânia e Pérsia, até que Ali ibn Abî Talib (656-661) primo e genro do profeta os sucedeu.

Para os xiitas, o homem indicado para assumir a função de califa desde o início deveria ser Ali, por ser do mesmo sangue de Maomé. A discordância entre os partidários de Ali e os outros membros da *ummah* causaram uma cisão na comunidade muçulmana levando a sua divisão entre sunitas (palavra derivada de *suna* que são os registros dos hábitos e práticas reli-giosas do profeta Maomé recolhidos por sua família e companheiros), e xiitas (palavra derivada de *shi'at 'Ali* que significa partido de Ali) cada qual com suas próprias tradições. Ali foi o califa até ser derrotado numa batalha pelo governador da Síria Mu'awiyya, que havia sido conquistada no governo de Affan. Mu'awiyya fundou o primeiro califado dinástico, O Califado Omíada.

A história dos califados pode ser separada em quatro fases: a primeira de 632 a 661 sob a autoridade dos “bem-guiados”; a segunda 661 a 750 sob a autoridade do Império Omíada que chegou a estender o domínio muçulmano da Espanha, passando pelo norte da África, até o Paquistão; a terceira o Império Abássida de 750 a 1258; e por fim a quarta, o Otomano de 1281 a 1924, quando o califado foi abolido pelo Mustafa Kemal Atatürk conhecido como o pai da Turquia secular que aproximou o país do ocidente através de um esforço intenso para que se estabelecesse a separação dos assuntos governamentais e religiosos.

Assim, de acordo com os períodos históricos dos califados e suas fases, observa-se que em quase toda a história muçulmana a *ummah* foi dirigida por um califa, o que torna a pretensão do Estado Islâmico e de outros grupos sunitas radicais islâmicos de restabelecer um governo deste tipo natural. Contudo não são todos os muçulmanos que concordam com a as-piração do EI, já que para algumas monarquias, governos seculares regionais e governos xiitas, como o iraniano, o estabelecimento de um califado representa uma séria ameaça a seus Estados.

Mas mesmo com o “reestabelecimento do califado” promovido pelo Estado Islâmico, poderia ele ser de fato considerado um Estado no sentido moderno do conceito? O EI não é um Estado soberano, mas em determinados aspectos procura atuar como tal a partir de atitudes simbólicas, pois além de possuir uma bandeira, o EI já criou passaportes e emitiu a própria moeda do califado.

Entre julho e agosto de 2014 foram divulgadas imagens de um passaporte que seria distribuído a cerca de 11 mil pessoas de cidades já conquistadas pelos militantes do EI na Síria e no Iraque. Tais documentos estariam sendo confeccionados numa instalação do governo iraquiano denominada Centro de Identificação e Passaporte, localizada em Mosul, no Iraque, controlada pelos radicais islâmicos. No topo da capa do documento há a inscrição de identificação “Estado do Califado Islâmico” e na parte de baixo uma outra que numa tradução livre contém a seguinte frase: “Se o titular do passaporte for prejudicado moveremos exércitos ao seu serviço”.

Em relação ao sistema monetário do califado islâmico, em novembro de 2014 o EI anunciou a criação de sua própria moeda que circulará em áreas controladas pelo grupo. A moeda é um dinar do período do califado dos “bem-guiados” que será emitida em sete valores diferentes, sendo os dois maiores em ouro, seguidos por três de prata e dois de cobre. Ainda não se sabe como o EI conseguirá metal suficiente para fabricar e manter a moeda circulando em longo prazo, porém é possível que adquira tal material de espólios de guerra; de doações de milionários simpatizantes do grupo; e pelo faturamento da venda do petróleo de cidades conquistadas do Iraque no mercado negro. Mesmo assim, não se sabe ao certo em que seria baseado o poder de compra da moeda já que é improvável que alguma instituição financeira mundial a aceite para troca ou comercialização. No entanto, é possível que o EI futuramente possa recorrer à acumulação desses metais, derretê-los e trabalhar-los de outra forma sem a marca do dinar para obter os recursos que julgar necessários.

Os símbolos do EI contribuem constantemente para a ampliação do poder simbólico do grupo que apesar de não poder ser considerado

como um Estado se vê de fato como tal, e, somado a isto, se encarrega da missão de reunir todos os muçulmanos considerados fiéis sob sua égide a fim de restabelecer o califado em sua forma mais gloriosa e o islã em sua forma mais pura.

## **Ameaças representadas pelo Estado Islâmico**

O EI representa desafios e ameaças para muitos países que têm se preocupado com a possibilidade da ocorrência de ataques terroristas em suas cidades visto que o EI tem encorajado todos os muçulmanos a praticarem o *jihad*.

Um dos principais desafios tem sido buscar conhecer como o grupo adquire rendimentos financeiros. Até o momento já foram apuradas três principais fontes de recursos do EI. A primeira são doações de simpatizantes milionários com destaque para cidadãos sauditas, catarris e kuaitianos, cujos governos, embora promovam esforços para coibir tais ações não têm obtido êxito por conta de suas fracas políticas de controle financeiro. A segunda provém da venda de petróleo e de antiguidades arqueológicas de áreas controladas pelo grupo que são comumente comercializados no mercado negro. A terceira são os espólios de guerra, roubo de bancos e de bens de pessoas de cidades conquistadas.

Outro desafio é o número de estrangeiros que tem se juntado ao EI. Cerca de 16 mil integrantes de aproximadamente 90 países passaram a vestir o negro do grupo fundamentalista. Há indícios que os imigrantes são majoritariamente provenientes de países como a Arábia Saudita, Jordânia, Turquia, Líbia e Marrocos no Oriente Médio; somados ao Reino Unido e a França na Europa. Até mesmo o filho de uma brasileira, que vivia na Bélgica, passou a integrar o grupo.<sup>11</sup>

---

11 Disponível em: <http://www.rferl.org/content/infographics/infographics/26584940.html> Acessado no dia 7 de março de 2014; e Disponível em: <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2014/09/mae-brasileira-conta-como-seu-filho-se-tornou-radical-do-estado-islamico.html> Acessado no dia 15 de outubro de 2014.

Esses estrangeiros, alguns com raízes familiares muçulmanas e outros que após se converterem ao Islã, são atraídos e recrutados pela promessa de uma nova vida no califado e pela possibilidade de reconhecimento pessoal como combatentes do antiamericanismo e da influência ocidental. Alguns analistas avaliam que determinados fatores como a alta taxa de desemprego em alguns países da Europa e o esvaziamento dos valores tradicionais do Ocidente no que tange à constituição familiar, o modo de vida baseado no consumismo, e a desvalorização dos preceitos cristãos podem influenciar a identificação com os valores conservadores do Islã e a integração de indivíduos ao EI. Porém, além de combatentes, o grupo islâmico tem recrutado tecnocratas voluntários para executar funções como médicos, engenheiros, técnicos em petróleo e profissionais de administração em geral, com o intuito de estabelecer uma estrutura que auxilie o grupo a gerir e sustentar o califado e consolidá-lo militar e socialmente.

Existem indícios que um dos principais alvos do EI seriam os Estados Unidos da América, já que foram o primeiro país a lançar ataques aéreos contra o grupo. Além disso, há evidências que a imagem que muitos muçulmanos têm dos americanos é a de um povo que apoia ditadores quando lhes é mais conveniente para o ganho econômico e aquisição de petróleo, mas que os derruba quando os mesmos não atendem aos seus interesses utilizando argumentos como a pregação da democracia e da liberdade que na verdade não praticam. Na Europa, a França é considerada a principal antagonista do grupo pelo fato de se envolver em diversas operações militares em países com populações muçulmanas ao longo dos últimos anos. Países como o Reino Unido, Canadá e Austrália também tem expressado preocupação com a entrada de *jihadistas* em seus territórios. Estes países também têm procurado coibir a migração de seus nacionais que pretendem se juntar ao EI no Oriente Médio.<sup>12</sup>

---

12 The Islamic State wants to attack these Western countries. Washington Post, 22 de setembro de 2014. Disponível em: <http://www.washingtonpost.com/blogs/worldviews/wp/2014/09/22/the-islamic-state-wants-to-attack-these-western-countries/> Acessado no dia 20 de novembro de 2014.

A Rússia, por sua vez, tem combatido, há alguns anos, militantes muçulmanos chechenos na região do Cáucaso e muitos destes militantes tem se unido ao EI, de modo que isto pode se tornar uma futura questão de preocupação para Moscou. Já na Ásia, a China tem mostrado preocupação com a migração de chineses para o EI, mas o que mais inquieta Pequim é a possibilidade de insurgência terrorista na região autônoma de Xinjiang, o que poderia estimular o separatismo. Outra questão que aflige a China é a dependência do petróleo iraquiano que os radicais islâmicos têm procurado controlar.

Para os governos locais, o crescimento do EI leva os chefes de Estado a temerem por suas posições no poder e mais ainda o desaparecimento de seus Estados. A Arábia Saudita é um dos países mais vulneráveis ao crescimento do grupo, pois além de preocupar-se com atentados terroristas, receia uma investida do grupo em direção às suas fronteiras para conquistar as cidades sagradas de Medina (que foi residência do profeta após sofrer perseguição por conta de sua pregação no início de seu ministério) e Meca (cidade natal do profeta e que atualmente abriga seu túmulo).

Há também a questão dos curdos no Iraque e na Síria. Os curdos são o maior grupo étnico do mundo sem uma pátria. A região que abrange a região do Curdistão abrange territórios do Irã, Síria, Turquia e Iraque. No Iraque, os curdos representam aproximadamente um quarto da população. A principal milícia curda que combate o EI são os *Peshmerga*<sup>13</sup>, que recebem apoio logístico e militar norte-americano para que consolidem uma posição forte e impeçam o avanço dos jihadistas do EI. Além de homens, utilizam mulheres como combatentes – fator que tem aterrorizado alguns militantes do EI, pois os mesmos acreditam que se forem mortos por uma mulher serão desprovidos do galardão celestial das 72 virgens que lhe serviriam de parceiras na vida após a morte. Existem indícios que essa noção das 72 virgens seria uma deturpação do texto corânico encontrado na surata 56 versículos 22 e 36, que trata do juízo final e das recompensas para aqueles que

---

13 Cujo significado é “aqueles que enfrentam a morte”.

alcançarem o direito de viver no paraíso; e na surata 78 versículo 33, com o mesmo tema da 56 para confortar aqueles que suicidam, assassinam e guerreiam em nome de Deus.<sup>14</sup>

Na Síria, os curdos têm combatido os extremistas na cidade de Kobani, próxima a fronteira com a Turquia. Os conflitos em torno de Kobani geraram críticas internacionais diretas ao governo turco que recusou a envolver seu exército no combate após deixá-lo postado do lado turco da fronteira.

A Turquia tem uma população de cerca de 82 milhões de pessoas, da qual cerca de 18% são curdas<sup>15</sup>. O partido dos trabalhadores curdos (Partiya Karkerên Kurdistan - PKK), considerado uma organização terrorista por Ancara e que atualmente está na ilegalidade, é o ator curdo com pretensões separatistas com maior peso político no país. Desse modo, o governo turco preferiu não adentrar em Kobani para somar forças à resistência curda síria que teria relações com o Partido de União Democrática (Partiya Yekîtiya Demokrat – PYD), parceiro do partido curdo. A recusa de envolvimento em Kobani para combater o EI gerou uma forte repercussão internacional entre os aliados turcos da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Todavia, segundo Sinan Ülgen, presidente do Centro para Economia e Estudos de Política Externa sediado em Istambul, para Ancara o EI é um sintoma da desordem política do Iraque e da Síria nos últimos anos e qualquer campanha que tenha o objetivo de destruí-lo não impedirá o surgimento de novos grupos radicais, por isso a comunidade internacional deveria ter objetivos mais ambiciosos procurando corrigir as causas que levaram ao surgimento do grupo nesses dois países.<sup>16</sup>

---

14 Alcorão Sagrado, o, e-book, Tradução de Samir El Hayek. Centro Cultural Beneficente Árabe Islâmico de Foz do Iguaçu. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/alcorao.html>

15 The World Factbook – CIA. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/tu.html> Acessado no dia 6 de janeiro de 2015.

16 ÜLGEN, Sinan. Turkey's ISIS Crisis. Project Syndicate The World's

Em outubro de 2014 o governo turco permitiu a travessia dos *Pesh-merga* do Iraque através do seu território para apoiarem os curdos sírios. Em novembro, a Turquia passou a fornecer treinamento militar à milícia curda iraquiana, por não considera-la uma ameaça direta ao país, pois são leais ao presidente do Curdistão iraquiano Massoudi Barzani, do qual Ancara havia se aproximado poucos anos antes por conta do interesse pelo petróleo da região.<sup>17</sup>

Em relação aos muçulmanos, os mais perseguidos entre as divisões do islã são os xiitas; os sunitas que se opõem ao grupo fundamentalista; os alauitas e os sufistas.<sup>18</sup> Além dos muçulmanos considerados infiéis e apóstatas há também intolerância com outros grupos religiosos como os cristãos; os judeus e os yazidis.<sup>19</sup>

## Posição brasileira

O papel do Oriente Médio na política externa brasileira remete à Se-

---

Opinion Page. Disponível em: <http://www.project-syndicate.org/commentary/turkey-and-coalition-against-isis-by-sinan-ulgen-2014-10> Acessado no dia 6 de janeiro de 2015.

17 Turkey trains Kurdish peshmerga forces in fight against Islamic State. Reuters, 22 de novembro de 2014. Disponível em: <http://www.reuters.com/article/2014/11/22/us-mideast-crisis-turkey-iraq-idUSKCN0J60B720141122> Acessado no dia 7 de janeiro de 2015.

18 Uma corrente mística do islã dotada de influências monásticas cristãs e gnósticas que procura reunir a alma humana com Deus.

19 Os yazidis são uma comunidade com práticas tomadas como estapafúrdicas pelo fato de não poderem vestir azul ou comer alface. Praticam o monoteísmo com partes de sua crença absorvida pelo zoroastrismo. Não é possível se converter ao yazidismo, pois só quem nasce yazidi o é considerado. Em sua crença há sete anjos que cercam o Deus único, dentre os quais o mais importante seria Tawûs al-Malâ'ika, que seria Satã reabilitado e venerado sob a figura de um pavão. Por isso são considerados pelos radicais islâmicos como adoradores do diabo. (SOURDEL, Janine; SOURDEL, Dominique. Dictionnaire historique de l'islam. 1. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.)

gunda Guerra Mundial e a criação do Estado de Israel em 1948. Um ano antes, a Grã-Bretanha que se mos-trava alarmada com a recusa da Organização Sionista Mundial em relação à continuidade do mandato britânico na Palestina e os conflitos entre judeus e palestinos em seus territórios, decidiu passar a questão para a recém-criada ONU. Nesse contexto, a Assembleia Geral da ONU presidida pelo brasileiro Oswaldo Aranha votou a resolução 181 que na época estabeleceu a divisão da Palestina nos Estados de Israel e da Palestina.

Nos anos 1970 e 1980 o Brasil estabeleceu laços comerciais com outros países da região como o Iraque. Nesse período o governo baathista iraquiano (no poder desde 1968 após empreender um golpe de Estado), encontrava-se politicamente marginalizado pelos Estados Unidos e alguns países da Europa Ocidental diante de um contexto onde tinha como inimigos declarados o sionismo e o imperialismo.

O isolamento iraquiano proporcionou que o Brasil aprofundasse suas relações comerciais com o Iraque. A relação bilateral permitiu que o Brasil, dependente da importação de petróleo, mantivesse a importação do óleo iraquiano durante o primeiro Choque do Petróleo em 1973 e a Petrobras lograsse concessão para exploração petrolífera no país. O Brasil, que por sua vez possuía a oferta de bens e serviços, exportava para o Iraque produtos primários e de alto valor agregado como material bélico, automóveis e aviões. Além disso, a aproximação bilateral permitiu a atuação de empreiteiras brasileiras no Iraque e em outros países da região.

A partir da década de 1990 as relações foram interrompidas após Guerra do Golfo e a consequente imposição do embargo pela ONU em 1991. No entanto, em 2012 o governo brasileiro reabriu sua embaixada em Bagdá e iniciou a reaproximação entre os dois países, contudo, os problemas internos e o desenvolvimento do EI esfriaram a retomada das relações bilaterais.

A Síria mantém relações diplomáticas com o Brasil desde 1945. A comunidade síria estabelecida no Brasil é estimada em aproximadamente quatro milhões de pessoas e tem sido um importante ativo no

relacionamento entre ambos os países, porém a partir de 2003 a relação entre ambos os países ganhou força devido às três cúpulas América do Sul - Países Árabes (2005, 2009 e 2011).

A aproximação entre os países esmoreceu com Guerra Civil Síria iniciada em 2011 e causou queda nas exportações brasileiras para a Síria. Desde então o Brasil tem reiterado seu apoio a uma solução política para o conflito. Em 2013 o governo brasileiro foi criticado pela comunidade síria por dificultar a entrada de refugiados no país, até que em setembro do mes-mo ano O Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), órgão do Ministério da Justiça, publicou uma norma que garante a concessão de visto especial aos afetados pelos conflitos no país.<sup>20</sup>

No terceiro trimestre de 2014, quando foi criada a coalizão internacional anti-Estado Islâmico com o apoio de cerca de 60 países, cujo objetivo tem sido buscar a criação mecanismos de impedimento à migração de estrangeiros para o EI e providenciar cooperação logística, militar e financeira no combate ao grupo radical islâmico, o Brasil preferiu não se juntar à coalizão por acreditar que o uso da força não seja um instrumento viável para combater o grupo.

O posicionamento brasileiro fez com que o país se tornasse alvo de críticas ao pedir uma solução diplomática para o conflito em momentos que outros Estados defendiam uma postura mais contundente. O Itamaraty condenou as violações cometidas pelo grupo islâmico aos Direitos Humanos, mas se mostrou contrário a interferência militar, privilegiando que seja dado outro tipo de apoio aos governos locais.

No discurso de abertura da Assembleia Geral das Nações Unidas de 2014 a presidente Dilma Rousseff deixou claro que a posição do Brasil é contrária à intervenção militar internacional em guerras regionais

---

20 BRASIL. Resolução normativa nº 17, de 20 de setembro de 2013. Disponível em: [http://cgbeirute.itamaraty.gov.br/pt-br/refugio\\_e\\_concessao\\_de\\_vistos\\_humanitarios.xml](http://cgbeirute.itamaraty.gov.br/pt-br/refugio_e_concessao_de_vistos_humanitarios.xml) Acessado no dia 18 de fevereiro de 2015.

e que o uso da força é incapaz de eliminar as causas profundas dos conflitos.

“(...) O uso da força é incapaz de eliminar as causas profundas dos conflitos. Isso está claro na persistência da Questão Palestina; no massacre sistemático do povo sírio; na trágica desestruturação nacional do Iraque; na grave insegurança na Líbia; nos conflitos no Sahel e nos embates na Ucrânia. A cada intervenção militar não caminhamos para a Paz mas, sim, assistimos ao acirramento desses conflitos (...)”<sup>21</sup>

Após conceder entrevista à imprensa brasileira em Nova York, a presidente afirmou que o país não é favorável à intervenção militar na Síria e no Iraque e que o Brasil sempre vai acreditar que a melhor forma de combater o EI é através do diálogo, do acordo e da intermediação da ONU. Tal declaração foi contestada por parte da imprensa brasileira que a acusou de apoiar o EI e de ter pretensão de negociar com terroristas. A mandatária, porém, alegou que o Brasil não apoia uma resposta de caráter belicista porque o Conselho de Segurança da ONU, através da resolução 2178/2014, não endossou tal ação na região.<sup>22</sup>

Em suma, a posição brasileira busca respaldo na carta da ONU que sustenta que o uso da força deve ser levado em consideração ou em legítima defesa de um Estado atacado por outro ou autorizado pelo Conselho de Segurança da ONU. Somado a isto vai ao encontro do

---

21 ROUSSEFF, Dilma. Discurso proferido pela presidente na abertura da 69ª Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU) - Nova York, Estados Unidos, 24 de setembro de 2014. Disponível em: [http://www.itamaraty.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5824:discurso-proferido-pela-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-abertura-do-debate-de-alto-nivel-da-69-assembleia-geral-das-nacoes-unidas-onu-nova-york-24-de-setembro-de-2014&catid=42:notas&Itemid=280&lang=pt-br](http://www.itamaraty.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5824:discurso-proferido-pela-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-abertura-do-debate-de-alto-nivel-da-69-assembleia-geral-das-nacoes-unidas-onu-nova-york-24-de-setembro-de-2014&catid=42:notas&Itemid=280&lang=pt-br) Acessado no dia 06 de março de 2015.

22 Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2014/09/1523294-dilma-nega-que-tenha-defendido-dialogo-com-estado-islamico.shtml> Acessado no dia 20 de novembro de 2014.

artigo 4o da constituição federal brasileira que sobre as relações internacionais do país atesta os princípios de não intervenção, defesa da paz e solução pacífica dos conflitos.

## Conclusão

O Estado Islâmico enquanto grupo radical religioso passou por diversas fases de desenvolvimento até ganhar a atual repercussão internacional devido a sua capacidade beligerante. De forma diferente de outros grupos extremistas como a al-Qaeda que desenvolve suas ações terroristas através de ataques isolados o EI possui um exército bem equipado e conta com *jihadistas* de diversas partes do mundo para conquistar territórios e socializa-los conforme as leis da *sharia*. A proclamação do restabelecimento do califado islâmico possui determinado aspecto de recuperação de um regime histórico e, apesar das diferenças entre sunitas e xiitas, demonstra que a inexistência desse regime governamental é a exceção no mundo muçulmano. Todavia, a brutalidade que o EI empreende para recuperar o califado não tem encontrado apoio em grande parte da comunidade muçulmana.

Embora o EI represente desafios e ameaças há discordância de quais são os mecanismos apropriados para combatê-lo. Nesse contexto o Brasil tem se posicionado contra o uso da força privilegiando se posicionar segundo os princípios constitucionais federais que regem suas Relações Internacionais e tem buscado respaldo nas ações endossadas pelas Nações Unidas. De todo modo, o EI é considerado uma ameaça à segurança internacional que além de restaurar o califado islâmico tem provado combater todos aqueles que se opuserem a sua afirmação no cenário internacional.

## Referências bibliográficas

Alcorão Sagrado, o, e-book, Tradução de Samir El Hayek. Centro Cultural Beneficente Árabe Islâmico de Foz do Iguaçu. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/alcorao.html>

America's Allies Are Funding ISIS. The Daily Beast. 14 de junho de 2014. Disponível em: <http://www.thedailybeast.com/articles/2014/06/14/america-s-allies-are-funding-isis.html> Acessado no dia 17 de novembro de 2014.

Anything to declare? ISIS launches passport holders for the international terrorist as part of its campaign of 'psychological warfare'. Dailymail, 12 de Agosto de 2014. Disponível em: <http://www.dailymail.co.uk/news/article-2722637/Anything-declare-ISIS-launches-passport-holders-international-terrorist.html>

Brasil rejeita intervenção militar no Iraque para conter o EI. Estadão, Genebra, 1 de setembro de 2014. Disponível em: <http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-rejeita-intervencao-militar-no-iraque-para-conter-ei,1552902> Acessado no dia 20 de novembro de 2014.

China and the ISIS Threat. The Diplomat, 26 de setembro de 2014. Disponível em: <http://thediplomat.com/2014/09/china-and-the-isis-threat/> Acessado no dia 22 de novembro de 2014.

'Death by woman' equals 'virgin-less heaven,' ISIS fears. Al Arabiya, 21 de setembro de 2014. Disponível em: <http://english.alarabiya.net/en/variety/2014/09/21/Why-ISIS-fighters-prefer-to-be-killed-by-men-.html> Acessado no dia 8 de janeiro de 2015.

Dilma nega que tenha defendido diálogo com Estado Islâmico. Folha de São Paulo, Brasília, 26 de setembro de 2014. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2014/09/1523294-dilma-nega-que-tenha-defendido-dialogo-com-estado-islamico.shtml> Acessado no dia 20 de novembro de 2014.

Foreign fighters in Iraq and Syria: where do they come from? Radio Free Europe/ Radio Liberty. Atualizado no dia 7 de março de 2014. Disponível em: <http://www.rferl.org/content/infographics/infographics/26584940.html> Acessado no dia 7 de março de 2014

How an arrest in Iraq revealed Isis's \$2bn jihadist network. The Guardian, Bagdá. 15 de junho de 2014. Disponível em: <http://www.theguardian.com/world/2014/jun/15/iraq-isis-arrest-jihadists-wealth-power> Acessado no dia 17 de novembro de 2014.

Iran Gains Influence in Iraq as Shiite Forces Fight ISIS. The New York Times, 5 de março de 2015. Disponível em: [http://www.nytimes.com/2015/03/06/world/middleeast/iran-gains-influence-in-iraq-as-shiite-forces-fight-isis.html?\\_r=0](http://www.nytimes.com/2015/03/06/world/middleeast/iran-gains-influence-in-iraq-as-shiite-forces-fight-isis.html?_r=0) Acessado no dia 6 de março de 2015.

Isil fanatics 'fear being killed by a woman will deprive them of virgins in paradise'. The Telegraph, 20 de setembro de 2014. Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/middleeast/iraq/11110724/Isil-fanatics-fear-being-killed-by-a-woman-will-deprive-them-of-virgins-in-paradise.html> Acessado no dia 8 de janeiro de 2015.

ISIS allegedly issues 'caliphate' passport. Al Arabiya, 5 de julho de 2014. Disponível em: <http://english.alarabiya.net/en/News/middle-east/2014/07/05/ISIS-allegedly-issues-caliphate-passport.html> Acessado no dia 6 de janeiro de 2015

Islamic State announces its own currency. The Telegraph, 14 de novembro de 2014. Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/islamic-state/11230324/Islamic-State-announces-its-own-currency.html> Acessado no dia 6 de janeiro de 2015

Islamic State boasts influx of foreign recruits in latest beheadings video. The Guardian, Nova York. 17 de novembro de 2014. Disponível em: <http://www.theguardian.com/world/2014/nov/17/islamic-state-propaganda-videos-foreign-recruits> Acessado no dia 22 de novembro de 2014.

Islamic State says it plans to issue its own currency. The New York Times, 14 de novembro de 2014. Disponível em <http://www.nytimes.com/2014/11/15/world/middleeast/islamic-state-says-it-plans-to-issue-its-own-currency-.html?module=ArrowsNav&contentCollection=>

Middle%20East&action=keypress&region=FixedLeft&pgtype=article Acessado no dia 6 de janeiro de 2015.

KAMEL, Ali. Sobre o Islã: Afinidade entre muçulmanos, judeus e cristãos e as origens do terrorismo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2007.

Mãe brasileira conta como seu filho se tornou radical do Estado Islâmico. Globo.com, 21 de setembro de 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2014/09/mae-brasileira-conta-como-seu-filho-se-tornou-radical-do-estado-islamico.html> Acessado no dia 15 de outubro de 2014.

Mr. Erdogan's Dangerous Game. The New York Times, 8 de outubro de 2014. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2014/10/09/opinion/turkeys-refusal-to-fight-isis-hurts-the-kurds.html> Acessado no dia 7 de janeiro de 2015.

ROUSSEFF, Dilma. Discurso proferido pela presidente na abertura da 69ª Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU) - Nova York, Estados Unidos, 24 de setembro de 2014. Disponível em: [http://www.itamaraty.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5824:discurso-proferido-pela-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-abertura-do-debate-de-alto-nivel-da-69-assembleia-geral-das-nacoes-unidas-onu-nova-york-24-de-setembro-de-2014&catid=42:notas&Itemid=280&lang=pt-br](http://www.itamaraty.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5824:discurso-proferido-pela-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-abertura-do-debate-de-alto-nivel-da-69-assembleia-geral-das-nacoes-unidas-onu-nova-york-24-de-setembro-de-2014&catid=42:notas&Itemid=280&lang=pt-br) Acessado no dia 06 de março de 2015.

SOURDEL, Janine; SOURDEL, Dominique. Dictionnaire historique de l'islam. 1. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.

The fight of their lives. The New Yorker, 29 de setembro de 2014. Disponível em: <http://www.newyorker.com/magazine/2014/09/29/fight-lives> Acessado no dia 20 de outubro de 2014.

The Islamic State wants to attack these Western countries. Washington Post, 22 de setembro de 2014. Disponível em: <http://www.washingtonpost.com/blogs/worldviews/wp/2014/09/22/the-islamic-state-wants-to-attack-these-western-countries/> Acessado no dia 20

de novembro de 2014.

The Jamestown Foundation: Zarqawi's pledge of allegiance to al-Qaeda. Disponível em: [http://www.jamestown.org/single/?tx\\_ttnews%5Btt\\_news%5D=27305#.VG\\_qT\\_ldUnV](http://www.jamestown.org/single/?tx_ttnews%5Btt_news%5D=27305#.VG_qT_ldUnV) Acessado em 19 de novembro de 2014.

The real threat from the Islamic State is to Muslims, not the west. Al Jazeera, 26 de agosto de 2014. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2014/08/real-threat-from-islamic-state--201482316357532975.html> Acessado no dia 20 de novembro de 2014.

The Syrian Observatory for Human Rights. About 2 million people killed and wounded in 47 months, and it is still not enough. Disponível em: <http://syriaahr.com/en/2015/02/about-2-millions-killed-and-wounded-in-47-months-and-it-is-still-not-enough/> Acessado no dia 6 de março de 2015.

The UN Refugee Agency. Syria Regional Refugee Response Inter-agency. Disponível em <http://data.unhcr.org/syrianrefugees/regional.php> Acessado no dia 8 de março de 2015.

Turkey to allow Kurdish peshmerga across its territory to fight in Kobani. The Guardian, 20 de outubro de 2014. Disponível em: <http://www.theguardian.com/world/2014/oct/20/turkey-allows-peshmerga-forces-to-travel-to-kobani?commentpage=4> Acessado no dia 7 de janeiro de 2015.

Turkey trains Kurdish peshmerga forces in fight against Islamic State. Reuters, 22 de novembro de 2014. Disponível em: <http://www.reuters.com/article/2014/11/22/us-mideast-crisis-turkey-iraq-idUSKCN0J60B720141122> Acessado no dia 7 de janeiro de 2015.

ÜLGEN, Sinan. Turkey's ISIS Crisis. Project Syndicate: The World's Opinion Page. Disponível em: <http://www.project-syndicate.org/commentary/turkey-and-coalition-against-isis-by-sinan-ulgen-2014-10>

Acessado no dia 6 de janeiro de 2015.

U.S. Department of State: Coalition Provisional Authority English translation of terrorist Mu-sab al Zarqawi letter obtained by United States Government in Iraq. Disponível em: <http://2001-2009.state.gov/p/nea/rls/31694.htm> Acessado em 19 de novembro de 2014.

We've reduced ISIS to just two pockets of hold-outs' boast Kurds after bloody fightback to stop fanatics taking control of border town of Kobane. Dailymail, 17 de outubro de 2014. Disponível em: <http://www.dailymail.co.uk/news/article-2796913/we-ve-reduced-isis-just-two-pockets-hold-outs-boast-kurds-bloody-fightback-stop-fanatics-taking-control-border-town-kobane.html> Acessado no dia 20 de outubro de 2014.

Why won't Turkey help save Kobane from Isil? The Telegraph, 10 de outubro de 2014. Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/europe/turkey/11153852/Why-wont-Turkey-help-save-Kobane-from-Isil.html> Acessado no dia 7 de janeiro de 2015.

Recebido em 04/02/2015  
Aprovado em 12/03/2015